

## **“EM BRANCO”: A VIOLÊNCIA NO COTIDIANO URBANO**

*Nara Salles(UFAL)*

GT: Processos de criação e expressão cênicas

Palavras-chave: instauração cênica, processos criativos

A instauração cênica “Em Branco” é resultado da pesquisa “Violência Urbana e Cotidiano”, desenvolvida no Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa em Artes Cênicas e Espetaculares da UFAL ([www.chla.ufal.br/artes/nace/](http://www.chla.ufal.br/artes/nace/)), faz parte da linha de pesquisa Prática Cênica e Espetacular, na qual propomos criações cênicas a partir de pesquisa teórica e de campo com fundamentos e técnicas da antropologia. Objetivamos chamar a atenção da população sobre a violação dos direitos humanos, configurada em assassinatos. A instauração cênica estreou na praça em frente o Palácio dos Martírios em Maceió e viajou para representar o Brasil em dois ENTEPOLA, Encontro de Teatro Popular da América Latina, no Chile e na Colômbia, sob os auspícios da FAPEAL.

A partir da pesquisa realizada podemos constatar que um dos maiores problemas sociais do país, nos últimos anos, tem sido de fato, a violência. A prática da agressão doméstica e escolar reforça a questão da violência urbana praticada nas ruas (DUTRA:2004). Segundo a Organização das nações Unidas-ONU nos últimos 20 anos o número de assassinatos cresceu 237%, indicando que todos os anos 40.000 pessoas perdem suas vidas no Brasil vítimas da violência, isso representa 11% das vítimas de todo o planeta. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) o Brasil registra a segunda maior taxa de mortalidade por agressão do mundo, estando atrás apenas da Colômbia. Assim, nos últimos anos a sociedade brasileira entrou no grupo das sociedades mais violentas do mundo. Este fato nos levou a criar a instauração cênica “Em Branco”.

Vejamos, quase todos os assassinatos são precedidos por algum tipo de desrespeito ligado às injustiças e afrontamentos sociais, econômicos, ou de relacionamentos conjugais. A irreverência e o abuso do espaço do outro produzem desrespeito produzindo anseio de vingança que se transforma em violência. Esta pode ser compreendida como o fenômeno social de um comportamento agressivo ocorrido em função da complexidade do convívio urbano e pode ser causada pelas condições de vida, muitas vezes miseráveis, e do convívio neste espaço urbano (MORRIS:1990). Nos centros urbanos onde as injustiças e os afrontamentos são muito comuns, os desejos de vingança se materializam sob a forma de homicídios com assassinatos em diversos

graus, numa infração dos códigos mais elementares das normas de convivência e do respeito à vida. Esta violência urbana configurada em assassinatos causa uma banalização da morte, que como na fala de 95% dos entrevistados “passa em branco”. Nas pesquisas de notícias de jornais sobre os assassinatos, as causas mais comuns são desentendimentos provocados por divergências de opiniões, pelas mais variadas situações, como ciúmes passionais, som alto, e desentendimentos. Ficou caracterizado que existe a presença de bebidas alcoólicas na maioria das vezes.

A partir desses dados resolvemos criar cenas de situação de assassinatos, que são mostradas nas ruas, com o intuito de que as pessoas ao verem e presenciarem cenicamente um assassinato possam ser sensibilizadas a discutir e analisar o sofrimento e as conseqüências provocadas por esse ato.

No processo de criação das cenas, utilizamos o pensamento de Antonin Artaud (1987) que remonta ao termo *catarse* do teatro grego, descrito por Aristóteles no livro *A Poética Clássica*. A *catarse* na tragédia grega assimila a identificação do espectador com o herói trágico a um ato de evacuação e descarga afetiva, como uma purificação por regeneração. A *catarse*, segundo Aristóteles, é uma das finalidades e uma das conseqüências da tragédia ao provocar terror e piedade operando a purgação adequada a tais emoções. Assim a gênese do Teatro da Crueldade, proposto por Antonin Artaud, está imbricada na própria gênese do teatro grego, ligado a raízes religiosas. Artaud considerava que, como no teatro oriental, o espetáculo cênico deve ser uma espécie de ritual, ligado ao sagrado e ao inconsciente, provocando transformações na psiquê humana e, conseqüentemente, nas ações, não como no teatro grego onde acontecia uma purificação, e sim com o intuito de

...criar uma metafísica da palavra, do gesto, da expressão, com o objetivo de tirá-lo de sua estagnação psicológica e humana... essas idéias são todas de natureza cósmica fornecem uma primeira noção de um domínio em relação ao qual o teatro se desacostumou. Elas podem criar uma espécie de equação apaixonante entre o homem a Sociedade, a Natureza e os Objetos... Importa que a sensibilidade seja colocada num estado de percepção mais aprofundada e mais apurada, é esse o objetivo da magia e dos ritos, dos quais o teatro é apenas um reflexo.  
ARTAUD (1987)

Para Artaud (1987) a ênfase da expressão cênica no Teatro da Crueldade deve emergir da emoção. O ator/atriz deve ser um/a atleta da afetividade, deve estar centrado/a na voz e no corpo, e em tudo que apele aos sentidos do espectador. Necessita estar penetrado pela idéia de que o espectador pensa primeiro com os sentidos e que é absurdo, como no teatro psicológico comum, dirigir-se primeiro ao entendimento racional das pessoas O teatro apresentado dessa

forma poderia tocar o espectador em seu âmago, passando a ser um instrumento revolucionário, possibilitando uma reorganização da existência humana. De acordo com suas palavras existem, no que se chama poesia, forças vivas, assim a imagem de um crime apresentada em condições teatrais poderá funcionar para o espírito como algo infinitamente mais temível do que o próprio crime, realizado (idem). Conforme Ana Maria Amaral (1991), citando Margareth Cryden, o teatro proposto por Artaud pode transformar o espectador porque provoca uma desestruturação e mexe com as angústias internas elementares do espectador.

A noção de crueldade também está ligada ao desconstruir para refazer, religar, no sentido antropológico *religare*<sup>1</sup> entre mundo espiritual e material (NASCIMENTO:1998) Isto é um risco e no risco, o perigo é indissociável do cruel, no sentido de ação, agir no mundo real e do espírito. Para o teatro da crueldade são imprescindíveis o rigor, a aplicação e a determinação, compreendidos na acepção radical. Não há uma liberdade de emoções e de fatos. Assim como em todas as culturas quase tudo é aprendido, as pessoas ao nascerem já encontram um mundo cultural estabelecido.

Para Artaud a crueldade consiste na

consciência dessa dor (da vida) sem a qual a vida não poderia ser exercida - é acima de tudo lucidez, uma mágica rigorosa de todos os meios técnicos e práticos; a utilização no espetáculo de todas as possibilidades da poesia concreta, a poesia correndo, sem forma, sem texto, tentando encontrar a sua antiga eficácia mágica, sua eficácia enfeitiçante além da palavra (1987).

Assim sendo, entendo *crueldade* como uma proposta de instauração cênica que é capaz de provocar, a partir do aparelho sensorio-perceptivo do espectador, atingindo a sua subjetividade. Provocação que pode ter o poder de proporcionar às pessoas questionamentos sobre a vida e a morte. Pois, segundo Artaud (1987), tudo que atua é uma crueldade. É a partir dessa idéia levada às últimas conseqüências que o teatro deve ser renovado.

Na construção de *Em Branco* todos os componentes da cena foram operados na expectativa de compor uma instauração cênica (SALLES:2004). Vejamos, instauração é um termo usado pela curadora Lisette Lagnado<sup>2</sup>. Segundo ela, é um dos conceitos fundamentais para a arte contemporânea atual e futura. Para Lagnado foi o artista plástico Tunga quem promoveu o uso do termo instauração, com a obra “Xipófagas Capilares”, em 1981, uma obra na qual duas adolescentes se movimentavam unidas por seus cabelos.

O conceito, para Lagnado é cunhado a partir dos termos performance e instalação, significando um híbrido destas categorias. A instauração traz e guarda dois momentos: um dinâmico e um estático. De acordo com Lagnado, a acepção de instauração supera a característica efêmera da performance, a instauração deixa resíduos, avançando no sentido de perpetuar a memória de uma ação, o que lhe tira o caráter de ser somente uma instalação. Nesta,

existe um ambiente montado para determinado acontecimento que pode ser destruído durante o decorrer da ação no ambiente. A instauração não é destruída no decorrer da ação, podendo acontecer uma transformação do ambiente a partir de uma estrutura estabelecida, havendo inclusive uma construção no espaço, interferindo na paisagem.. Por este motivo opto por utilizar o termo instauração seguido pelo termo cênica, para indicar que naquele local são instauradas ações cênicas e a ambientação não será destruída, mas alterada. Embora utilize para o princípio da montagem no processo criativo, os conceitos de performance, não denomino a encenação como performance, porque no meu entendimento, o termo instauração é mais abrangente e a ultrapassa. Na instauração cênica “Em Branco” cria-se um espaço durante a apresentação que pode ser observado posteriormente como obra de artes visuais sem estar acontecendo a encenação, evocando imagens instauradas na memória dos espectadores, provocando questionamentos. Contemplando, dessa forma, um momento dinâmico e um estático, característica da instauração.

Ficha Técnica - Música: Marco Montesi (flauta), Miran Abs (flauta), Tércio Smith  
Direção e Criação: Nara Salles  
Instauradores da Cena: Acioli Filho, Flávio Rabelo, Glauber Xavier, Nara Salles, Pedro Neto, Thiago Sampaio, Valéria Nunes.

#### **Referências Bibliográficas:**

AMARAL, Ana Maria. *Teatro de Formas Animadas*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1991.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. São Paulo: Cultrix, 1990.

ARTAUD, Antonin. *O Teatro e Seu Duplo*. São Paulo: Max Limonad. 1987.

DUTRA, Valvim. *Renasce Brasil*. São Paulo. 2003.

MORRIS, Desmond. *O Contrato Animal*. Ed Record. Rio de Janeiro. 1990.

SALLES, Nara. SENTIDOS: Uma instauração Cênica. Tese de Doutorado. PPGAC/UFBA. Salvador. 2004.

---

<sup>1</sup> Religião deriva do Latim Religare: Tornar a ligar, atar ou ligar bem.

<sup>2</sup> IN Folha de São Paulo – Ilustrada - 08 dezembro 1997